ISSN: 2358-8829

A FORMAÇÃO CONTINUADA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA AS PRÁTICAS DE ALFABETIZAÇÃO: RELATO DE EXPERIÊNCIA DOCENTE

Paloma Gomes de Sousa [1]
Layane Figueiredo da Silva [2]
Aline Cleide Batista [3]

INTRODUÇÃO

A alfabetização é uma etapa decisiva na trajetória escolar das crianças. É nesse período que muitas delas começam a compreender como a escrita funciona, ampliam suas possibilidades de leitura e passam a participar com mais autonomia das atividades propostas na escola. Quem está diariamente em uma turma de alfabetização sabe, porém, que esse caminho não acontece da mesma maneira para todos. Enquanto algumas crianças avançam com maior facilidade, outras precisam de mais tempo, acompanhamento e intervenções específicas. Essa diferença exige do professor atenção constante e disposição para rever aquilo que foi planejado.

Foi a partir dessa realidade que surgiu o interesse em compartilhar a experiência desenvolvida em uma turma de 2º ano do Ensino Fundamental da rede municipal de Curral de Cima, na Paraíba. Ao longo do trabalho docente, os desafios relacionados à leitura e à escrita mostraram que não bastava realizar atividades e esperar os resultados. Era necessário compreender o que cada criança já sabia, identificar suas dificuldades e pensar em propostas que realmente contribuíssem para sua aprendizagem.

Nesse processo, a formação continuada teve um papel importante. Os encontros formativos promovidos pela rede municipal, assim como as orientações e os materiais vinculados às ações de alfabetização, abriram possibilidades para refletir sobre as práticas realizadas em sala. Nem tudo o que é discutido nas formações pode ser aplicado

[1] Graduada do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, pallomag937@gmail.com;
[2] Graduanda do Curso de Matemática da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, layane.figueiredo15@gmail.com;
[3] Professor orientador: Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, alinecleide@yahoo.com.br.

exatamente como é apresentado, pois cada turma possui sua própria realidade. Ainda assim, esses momentos ajudaram a repensar estratégias, organizar o planejamento e reconhecer a importância de acompanhar os avanços das crianças.

Conforme Soares (2003), alfabetização e letramento precisam ser compreendidos em suas especificidades e relações. Isso significa que aprender o sistema de escrita alfabética não pode ser separado das oportunidades de utilizar a leitura e a escrita em situações que tenham sentido para os estudantes. Nessa mesma direção, Nóvoa (1995) defende uma formação que valorize a reflexão crítica sobre as práticas e os conhecimentos construídos na experiência profissional.

O objetivo deste trabalho é relatar e analisar as contribuições da formação continuada para a reorganização das práticas de alfabetização desenvolvidas em uma turma de 2º ano, destacando as estratégias pedagógicas utilizadas, o acompanhamento da aprendizagem e os avanços observados nos ciclos avaliativos do Compromisso Nacional Criança Alfabetizada (CNCA). Trata-se de um relato de experiência de natureza qualitativa, apoiado em observações e registros pedagógicos e em diálogo com estudos sobre formação docente e alfabetização.

Ao apresentar essa experiência, não se pretende afirmar que uma única metodologia ou formação seja responsável pelos resultados alcançados. O que se busca é mostrar como o estudo, o planejamento, a observação diária e as intervenções intencionais podem se articular no trabalho de alfabetizar, especialmente quando o professor reconhece as necessidades concretas de sua turma.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

O trabalho caracteriza-se como um relato de experiência, de abordagem qualitativa, construído a partir da atuação docente em uma turma de 2º ano do Ensino Fundamental da rede municipal de Curral de Cima–PB. O foco não foi realizar uma pesquisa experimental, mas refletir sobre um percurso pedagógico vivido em sala de aula e sobre as decisões tomadas diante das dificuldades e dos avanços dos estudantes. A experiência envolveu a participação em encontros de formação continuada, a análise das necessidades de aprendizagem da turma e a reorganização de atividades voltadas à leitura e à escrita. O acompanhamento ocorreu por meio de observações cotidianas, registros pedagógicos, realização de atividades e análise dos resultados dos ciclos avaliativos do

CNCA, utilizados como indicadores do desenvolvimento das habilidades esperadas para a alfabetização.

As ações foram pensadas considerando a heterogeneidade da turma. As propostas de ensino precisaram ser retomadas e ajustadas de acordo com o que as crianças demonstravam durante as atividades. Em vez de compreender a avaliação apenas como um momento de atribuir resultados, ela foi utilizada como uma oportunidade para perceber dificuldades, identificar avanços e orientar as intervenções seguintes.

Para a discussão, foram retomadas contribuições teóricas presentes na minha monografia, intitulada Formação de professores e práticas de alfabetização no município de Curral de Cima–PB (Sousa, 2026). Essa pesquisa mais ampla investigou as percepções de profissionais da rede municipal sobre a formação continuada. Neste artigo, contudo, o objeto é diferente: o relato da própria experiência docente. Assim, os resultados das entrevistas da monografia não foram tratados como dados coletados na turma aqui apresentada.

Os percentuais de 18% e 70% correspondem aos indicadores registrados no primeiro e no terceiro ciclos avaliativos mencionados no resumo submetido ao evento. Como não foram apresentados, nos documentos de base, os instrumentos individuais, os resultados completos de cada criança ou a distribuição detalhada das habilidades avaliadas, a análise desses números é descritiva e não pretende estabelecer relação causal entre formação e desempenho.

REFERENCIAL TEÓRICO

Pensar a formação continuada é reconhecer que a aprendizagem do professor não termina quando ele conclui a graduação. A sala de aula apresenta situações que nem sempre podem ser previstas e que exigem decisões diárias. Por isso, estudar, compartilhar experiências e refletir sobre o que acontece na escola são partes do desenvolvimento profissional.

Nóvoa (1995) chama atenção para a importância de uma formação construída na reflexão sobre as práticas e na valorização dos saberes da experiência. Essa perspectiva ajuda a compreender que os encontros formativos não devem ser vistos apenas como momentos para receber novas atividades. Seu sentido está também em permitir que o

professor pense sobre suas escolhas, identifique dificuldades e encontre caminhos para melhorar o trabalho.

Freire (1996) também destaca a reflexão crítica sobre a prática como parte fundamental da formação permanente. Essa ideia dialoga diretamente com o cotidiano da alfabetização. Quando uma criança não avança como esperado, é necessário observar, perguntar o que pode ser modificado e experimentar outras possibilidades de ensino. Não se trata de responsabilizar apenas o aluno por suas dificuldades, mas de reconhecer que o trabalho pedagógico precisa ser continuamente analisado.

Para Imbernón (2011), a formação docente deve estar relacionada aos problemas reais enfrentados pelos professores e favorecer processos de reflexão e transformação do trabalho. Em uma turma de alfabetização, essa relação é especialmente importante, pois o professor lida com diferentes ritmos de aprendizagem, níveis de compreensão do sistema de escrita e experiências anteriores com a linguagem escrita.

Tardif (2014) compreende os saberes docentes como plurais, constituídos a partir da formação, do currículo e das experiências profissionais. Isso permite reconhecer o valor do conhecimento construído no dia a dia da escola. Muitas vezes, é durante uma atividade, ao ouvir a leitura de uma criança ou analisar uma escrita, que o professor percebe a necessidade de alterar o encaminhamento previsto.

No campo da alfabetização, Soares (2003; 2020) contribui para pensar a aprendizagem da leitura e da escrita como um processo que precisa de ensino sistemático e, ao mesmo tempo, de práticas significativas. Morais (2012) também evidencia a importância de compreender o sistema de escrita alfabética e de organizar situações didáticas que ajudem os estudantes a refletir sobre seu funcionamento. Dessa forma, trabalhar com palavras, textos, leitura e produção escrita exige intencionalidade, não apenas repetição de exercícios.

Essas contribuições teóricas ajudam a compreender a relação entre formação e prática pedagógica vivida na experiência relatada. Os conhecimentos discutidos nos encontros formativos não substituem a observação do professor, mas podem ampliar seu repertório e fortalecer as escolhas feitas diante das necessidades de aprendizagem.

ISSN: 2358-8829

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O trabalho com a turma de 2º ano mostrou, desde o início, que as crianças não estavam no mesmo ponto do processo de alfabetização. Havia necessidades diferentes em relação à leitura, à escrita e à autonomia para realizar as atividades. Essa situação exigiu olhar com mais cuidado para o que estava sendo ensinado e para a maneira como cada estudante respondia às propostas.

A experiência reforçou uma compreensão importante: planejar não significa apenas escolher conteúdos e preencher uma rotina. O planejamento precisa partir de objetivos claros e também considerar aquilo que a avaliação e a observação revelam sobre a turma. Quando uma atividade não produzia o avanço esperado, era necessário retomá-la de outra forma, oferecer novas oportunidades de aprendizagem e acompanhar novamente o desempenho das crianças.

As formações continuadas contribuíram para esse movimento de revisão do trabalho. O contato com materiais, orientações pedagógicas e discussões sobre alfabetização favoreceu a organização de estratégias mais diversificadas. Entretanto, a escolha e a adaptação das atividades dependeram do conhecimento construído no contato diário com os estudantes, pois uma proposta só faz sentido quando responde às necessidades reais da turma.

Entre as ações desenvolvidas na turma de 2º ano, estiveram os projetos Passaporte da Leitura, Caixa da Leitura e Sacola Viajante. Essas propostas não eram atividades isoladas: integravam um trabalho de incentivo à leitura, de aproximação das crianças com os textos e de acompanhamento das necessidades de cada estudante. O Passaporte da Leitura ajudava a valorizar as experiências de leitura; a Caixa da Leitura possibilitava retomar atividades de acordo com os diferentes níveis de aprendizagem; e a Sacola Viajante ampliava as oportunidades de contato com a leitura fora da sala de aula, aproximando também as famílias desse processo.

Também foram desenvolvidas propostas envolvendo o sistema monetário, com situações práticas que relacionavam os conteúdos escolares ao cotidiano das crianças. Embora essas atividades estivessem mais diretamente ligadas à aprendizagem matemática, elas faziam parte do mesmo esforço de tornar o ensino mais participativo, significativo e conectado às experiências dos alunos. Assim, leitura, escrita e outras

ISSN: 2358-8829

aprendizagens foram trabalhadas por meio de projetos e intervenções planejados ao longo do ano.

Uma das aprendizagens profissionais desse percurso foi perceber que a diversidade de estratégias, por si só, não garante bons resultados. É necessário saber por que determinada atividade está sendo realizada, quais habilidades ela pretende desenvolver e o que será feito caso os estudantes continuem apresentando dificuldades. A intencionalidade pedagógica, portanto, esteve associada à avaliação e à continuidade das intervenções.

Essa percepção se aproxima das discussões de Freire (1996) e Nóvoa (1995), que compreendem a reflexão sobre a prática como parte do desenvolvimento docente. Também dialoga com Soares (2020), ao reconhecer a importância de um ensino da leitura e da escrita que acompanhe o processo de aprendizagem e considere as necessidades das crianças.

Os registros apresentados no resumo inicial do CONEDU indicam que, no primeiro ciclo avaliativo do Compromisso Nacional Criança Alfabetizada, 18% da turma demonstrava domínio das habilidades esperadas para o processo de alfabetização. No terceiro ciclo, o indicador chegou a 70%. A diferença entre os dois momentos foi de 52 pontos percentuais, revelando um avanço importante no indicador acompanhado.

O avanço observado precisa ser compreendido como parte de um conjunto de ações realizadas durante o ano letivo, e não como consequência de um único projeto. Os projetos de leitura, as intervenções com a Caixa da Leitura, as experiências com a Sacola Viajante e o Passaporte da Leitura, as atividades com o sistema monetário, as propostas diárias de alfabetização e o acompanhamento frequente das dificuldades compuseram esse percurso. Ao mesmo tempo, a participação nas formações continuadas ajudou a refletir sobre o planejamento e a buscar maneiras diferentes de ensinar. Não é possível separar o efeito de cada iniciativa nos percentuais, mas é possível reconhecer a importância do trabalho contínuo e intencional.

Entretanto, esses percentuais não permitem afirmar, isoladamente, que a formação continuada causou o avanço observado. A aprendizagem depende de diversos fatores, como a participação dos estudantes, suas experiências anteriores, a frequência escolar, as intervenções realizadas e as condições de ensino. Além disso, os dados disponíveis não permitem examinar a evolução individual de cada criança nem comparar grupos submetidos a estratégias diferentes.

O dado mais significativo para a reflexão docente é que o acompanhamento sistemático permitiu reconhecer a necessidade de continuar investindo nas aprendizagens que ainda não estavam consolidadas. Se o terceiro ciclo apontou 70% no indicador apresentado, isso também mostra que o trabalho precisava continuar para alcançar as crianças que ainda necessitavam de apoio.

A experiência evidencia, assim, que a formação continuada ganha sentido quando ajuda o professor a interpretar as necessidades da turma e a tomar decisões mais conscientes. Não basta participar dos encontros: é preciso relacionar os conhecimentos estudados com aquilo que acontece na sala de aula, avaliar os resultados e manter o compromisso com a aprendizagem de todos.

A principal contribuição das formações, nessa experiência, não foi a existência de uma atividade pronta que resolvesse as dificuldades da turma. Foi a possibilidade de ampliar o olhar sobre o processo de alfabetização e de compreender a importância de planejar, acompanhar e reorganizar o trabalho sempre que necessário.

Na monografia que serviu de apoio à elaboração deste artigo, a discussão sobre a rede municipal de Curral de Cima–PB também mostrou a relevância de aproximar a formação da realidade das escolas. O estudo identificou, nas percepções das participantes, contribuições para o planejamento, a troca de experiências e a busca por estratégias de ensino, mas também limites relacionados às dificuldades de aprendizagem, à heterogeneidade das turmas e à participação das famílias (Sousa, 2026). Essas observações ajudam a contextualizar o relato, sem confundir os dois trabalhos.

A vivência como professora alfabetizadora mostrou que a formação não deve ser compreendida como uma solução única para os desafios da escola. Ela é uma oportunidade de aprender e refletir, mas seus efeitos dependem das condições de trabalho, da continuidade das ações pedagógicas e do acompanhamento dos estudantes. É no cotidiano, diante de cada avanço e de cada dificuldade, que o professor precisa transformar os conhecimentos discutidos em escolhas pedagógicas concretas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O relato apresentado teve como objetivo discutir as contribuições da formação continuada para as práticas de alfabetização desenvolvidas em uma turma de 2º ano do Ensino Fundamental da rede municipal de Curral de Cima–PB. Ao revisitar essa

experiência, fica evidente que os avanços foram construídos no cotidiano, por meio de um conjunto de projetos de incentivo à leitura, como o Passaporte da Leitura, Caixa da Leitura e Sacola Viajante de atividades relacionadas ao sistema monetário, de intervenções pedagógicas e de acompanhamento constante das aprendizagens. Essas ações, somadas à reflexão proporcionada pela formação continuada, contribuíram para reorganizar o trabalho de acordo com as necessidades da turma.

Os indicadores dos ciclos avaliativos do CNCA, que passaram de 18% no primeiro ciclo para 70% no terceiro, demonstram um avanço relevante no período analisado. Esses números, embora não expliquem sozinhos todas as razões do crescimento, ajudam a evidenciar a importância da continuidade do trabalho pedagógico e do acompanhamento das aprendizagens.

A formação continuada contribuiu para ampliar as possibilidades de atuação docente e para fortalecer a reflexão sobre o que era desenvolvido em sala. Ao mesmo tempo, a experiência mostrou que os conhecimentos compartilhados nas formações precisam ser analisados e adaptados à realidade de cada turma. O professor não é apenas alguém que aplica orientações: é também quem observa, decide, cria possibilidades e aprende com a própria prática.

Por fim, compreende-se que alfabetizar é um compromisso que exige estudo permanente e sensibilidade para perceber os diferentes caminhos percorridos pelas crianças. Compartilhar essa experiência é também uma forma de valorizar o trabalho realizado nas escolas públicas e de reafirmar que a formação continuada se torna mais significativa quando está próxima dos desafios concretos do ensino e da aprendizagem. Estudos futuros poderão aprofundar essa discussão com registros individuais de desenvolvimento e análise mais detalhada das estratégias utilizadas.

Palavras-chave: Formação continuada; Alfabetização; Práticas pedagógicas; Relato de experiência; Aprendizagem.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MORAIS, Artur Gomes de. **Sistema de escrita alfabética**. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

NÓVOA, António (org.). **Os professores e a sua formação**. 2. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2003.

SOARES, Magda. **Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. São Paulo: Contexto, 2020.

SOUSA, Paloma Gomes de. **Formação de professores e práticas de alfabetização no município de Curral de Cima–PB**. 2026. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal da Paraíba, Mamanguape, 2026.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.